

A Grande transformação que vinha da colonização dirigida

Henrique Dias Sobral Silva ¹

BOOK REVIEW:

Ely Bergo de Carvalho. *Inspirar Amor à Terra: Uma história ambiental da colonização moderna no Brasil, o caso de Campo Mourão – Paraná, 1939–1964*. (São Paulo: Alameda, 2017).

A historiografia sai de sua rotina de debates quando uma obra congrega distintas perspectivas em uma argumentação propositiva discutindo temas já consolidados. Este é o caso de *Inspirar Amor à Terra* (2017) que é um estudo sobre a transformação do trabalho e da terra em mercadoria fictícia.

A proposta de Ely Bergo de Carvalho é clara quando se propõe a investigar as estratégias e representações que pavimentaram o processo de apropriação das terras na colonização dirigida no estado do Paraná, Brasil. Em busca de respostas, o autor atesta que há um conflito entre a desnaturalização da racionalidade econômica capitalista, já consagrada para muitos, que visualizam os seres humanos como supostos *homo*

¹ Doutorado em andamento em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil. henriq_sobral@hotmail.com.

economicus em detrimento de outras racionalidades, como propôs Karl Polanyi (1980). Essa argumentação é original na área de História e, infelizmente, ainda pouco explorada pela historiografia brasileira a partir das proposições de Polanyi, que discutiu o embate entre racionalidades, notadamente uma camponesa/tradicional e uma capitalista/liberal.

Carvalho propõe que a racionalidade camponesa, longe do sectarismo e hermetismo, trava contato e disputa com a racionalidade capitalista, sem perder suas características no roldão do capitalismo. Essa disputa está registrada no título, pois, “Inspirar amor à terra” é uma expressão dos idealizadores do projeto modernizador para produzir nos povos do campo, uma relação racionalizada com a produção agrícola, fazendo-os produzir intensamente, em detrimento de suas formas de relacionamento com a terra e a produção.

Aproximando nossas lentes, o trabalho refuta conclusões que definem o estado do Paraná como espaço da “democratização fundiária”, apontando os imbrólios socioambientais e as difíceis condições de vida da população rural daquele estado. Carvalho destaca esse dado para argumentar que os lavradores e o mundo natural lutaram e que essa ação foi determinante para a conquista de terras.

Tal argumentação é cotejada com um expressivo acervo de fontes oficiais, jurídicas e de entrevistas com moradores daquela porção do Norte do Paraná. Independentemente dessa opção, o pesquisador esclarece que a região escolhida não é o espaço estudado nessa pesquisa, mas sim, o *locus* de observação de alguns fenômenos históricos e socioambientais. Com isso, se estabelece uma pertinente apresentação de fenômenos socioambientais em nível nacional e local.

Em relação às metodologias empregadas, é possível identificar a presença da História social, em uma apresentação próxima da Antropologia, através da qual os critérios socioculturais acabam por modelar os processos investigados. Percebe-se da História agrária a preocupação com as formas de ocupação da terra, seja de modo socioeconômico ou na forma da posse, como fenômeno de acesso à terra. Da contribuição da História ambiental, a conexão interdisciplinar das análises anteriores,

o trato com as fontes e o modo original e preocupado com a ligação entre lavradores e natureza. Essas vertentes encontram diálogo balanceado na narrativa, conformando um potente artefato de experimentação historiográfica.

O autor inicia sua narrativa dialogando com uma produção historiográfica e memorialista acerca dos grupos sociais que ocupavam a região em apreciação. Nessa oportunidade, o historiador dá espaço à racionalidades de grupos anteriores à colonização dirigida como crítica ao discurso dos vazios demográficos em áreas de interesse do capital, sendo esse um pertinente ativismo simbólico pela memória.

A partir de Polanyi, esses grupos são apresentados como interlocutores da sociobiodiversidade com distintos modos de vida, que alteraram, mas não destruíram a paisagem, distante da imagem cristalizada pelos conservacionistas sobre o potencial “destrutivo” daqueles para a paisagem. Apesar disso, esses personagens perdem espaço ao longo do texto, enfraquecendo sua importância no contexto da narrativa. Seu desaparecimento na obra parece ser compatível com os massacres que visitaram a experiências desses grupos e que ainda merecem atenção historiográfica.

Em um segundo momento, o autor se dedica a mapear as estratégias utilizadas pelos sujeitos do Estado, em suas concepções sobre a produção simbólica do trabalhador rural através da colonização racional. Não é comum entre os historiadores o exercício de síntese da bibliografia sobre colonização no Estado Novo, questão agrária e temas análogos, mas, nessa oportunidade, esse exercício é feito de forma leve e de forma qualitativa.

As preocupações do Estado aparecem de forma alargada, por exemplo, em trechos de exposição de documentos sobre a colonização no Paraná, a opção supervaloriza o Estado em suas medidas e práticas de gestão e ingerência, afastando o leitor das questões dos camponeses. Avaliamos que caberia melhor explorar o lugar dos homens do Estado, em suas tramas e relações de poder, para uma aferição das diferenças do projeto e do processo de colonização.

Nascida da formação e da trajetória do autor, na obra se dá ainda um rico encontro do entre a História ambiental e agrária, na forma da exposição de casos,

sujeitos e diferentes formas de fazer a posse e os processos socioambientais que se encontravam em sua órbita. Aqui o leitor irá se deparar com um pontilhado de casos de luta pela terra que nos remetem à constituição de um mercado de terras, como propôs Polanyi. Nesse mercado, há um embate entre a lógica da terra como parte da vida e da natureza, frente às intenções capitalistas da transformação em mercadoria. Entretanto, na obra há uma incompletude no encaminhamento e debate da relação entre propriedade e posse que faz com que essa questão não se apresente como um dos maiores agrárias no Brasil.

Por último, o livro é uma oportunidade de experimentar uma construção equilibrada entre História Ambiental, História Social e História Agrária. Arelado a isso, o mérito da obra é oferecer chaves explicativas para se pensar a mercantilização da terra e do trabalho no Brasil, questões fundamentais presentes ainda hoje no debate público.

REFERÊNCIAS

Ely Bergo de Carvalho. *Inspirar Amor à Terra: Uma história ambiental da colonização moderna no Brasil, o caso de Campo Mourão – Paraná, 1939-1964*. (São Paulo: Alameda, 2017).

Polanyi, Karl. *A grande Transformação: as origens de nossa época*. (Rio de Janeiro: Campus, 1980).